



**HAL**  
open science

## A obra de Fernando Pessoa, uma galáxia de “ esoterismos ” ?

Ana Maria Binet

► **To cite this version:**

Ana Maria Binet. A obra de Fernando Pessoa, uma galáxia de “ esoterismos ” ?. Steffen Dix; Jerónimo Pizarro. A arca de Pessoa, Imprensa de Ciências Sociais, 2007, 978-972-671-188-9. hal-03154811

**HAL Id: hal-03154811**

**<https://hal.science/hal-03154811>**

Submitted on 1 Mar 2021

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

## A Obra de Fernando Pessoa – uma galáxia de « esoterismos » ?

**Prof.a Doutora Ana Maria de Albuquerque Binet – Universidade Michel de Montaigne-  
Bordeaux 3 – França**

*In Memoriam*

*Para a minha Tia Prof.a Dr.a Maria  
Manuela Barroso, falecida neste Verão de  
2005, testemunho da minha admiração  
pela sua grande inteligência, saber e  
probidade.*

« Extraída » gradualmente e como por magia da famosa arca, a obra de Fernando Pessoa revela-se ao longo do tempo e perante o público, nacional e estrangeiro, como sendo de uma extrema diversidade e complexidade. É verdade que, escondido atrás das suas máscaras, o autor continua, largos anos mais tarde, a mostrar-se renitente a ser « apanhado » nas redes da análise da sua vida e obras (no seu caso, praticamente sinónimas). Perante esse *drama em gente* que traz a marca do gosto pela mistificação do seu autor, o leitor, como o crítico profissional, são obrigados a uma extrema prudência se não querem ser vítimas do « síndrome Pessoa », conjunto de sintomas alucinogénios, que provocam visões fantasistas e enganadoras sobre a obra pessoana, que muito divertiriam o mesmo autor, se delas pudesse ter conhecimento...

As relações de F. Pessoa com as diferentes correntes esotéricas que percorrem os seus escritos foram frequentemente objecto dessas visões alucinadas, que quiseram transpôr, de forma completamente imaginária, aquilo que é do domínio da reflexão, ou da imaginação criadora, para o campo da actividade concreta que, diga-se de passagem, nunca foi o ponto forte de F. Pessoa. Desde a « mentalidade primitiva », apontada a este último pelo seu primeiro biógrafo, João Gaspar Simões, e que, segundo este, predispunha o poeta a crer na magia e no invisível (justiça lhe seja feita, Simões soube no entanto reconhecer o sentido fundamental do mistério que caracteriza Pessoa, assim como os conhecimentos deste no âmbito das ciências ocultas, a sua « orientação iniciática » e a importância para ele da descoberta da Teosofia), até às especulações delirantes de autores mais próximos de nós que não citaremos, para não ferir susceptibilidades, mas que todos reconhecerão, sobre a afiliação de Pessoa a misteriosas Ordens secretas, o elemento esotérico, fundamental para apreender correctamente a obra pessoana, tem-se revelado instigador de surtos irracionais de toda a espécie. Devemos neste

ponto prestar devida homenagem à Professora Yvette Centeno, que foi, e continua a ser, uma verdadeira pioneira quanto à descoberta de textos referentes a esta matéria, e à sua análise baseada no conhecimento científico de tais correntes.

É, aqui, essencial termos em consideração o facto de a obra de Pessoa ser fragmentária, feita de textos incompletos que, na sua maioria, e isto é sobretudo válido para os textos tratando directamente de esoterismo, não foram por ele preparados para serem publicados. Para avançar neste labirinto é indispensável possuir um certo número de « marcas » bem claras, que ajudem à nossa progressão. A primeira é, evidentemente, a definição da palavra « esoterismo » cujo significante aponta etimologicamente para um caminho em direcção ao interior, ao mais íntimo daquele que, através de uma gnose, pretende atingir uma forma de iluminação : este caminho corresponde ao chamado processo iniciático. Preferimos falar de esoterismo e não de ocultismo, frequentemente empregue como sinónimo do primeiro, visto a palavra ocultismo se referir mais exactamente à dimensão prática do esoterismo, apoiando-se essencialmente na teoria das correspondências, que condiz com uma parte dos interesses de Pessoa neste campo, mas que não os abarca todos.

Com efeito, os caminhos seguidos por Pessoa na sua incessante busca espiritual foram múltiplos, como o foram as formas em que moldou o seu génio poético. Consequentemente, será possível estabelecer uma relação entre os dois termos dessa multiplicidade ?

É a essa pergunta que tentaremos, não responder, mas apenas dar um esboço de resposta, pois o que fecunda a mente de forma mais segura são as perguntas que ela formula e não as respostas, transitórias e enganadoras, que vestem de falsas certezas a nossa fundamental limitação.<sup>1</sup>

Uma das primeiras manifestações públicas do interesse de F. Pessoa pelo domínio do oculto foi a que se ligou com a visita do mago Aleister Crowley a Portugal, em 1930, e o seu falso « desaparecimento » na Boca do Inferno, em Cascais, para o qual beneficiou da colaboração do nosso poeta, que é aliás referido pelo biógrafo do mago, John Symonds (1952). Mais tarde, em 1935, Pessoa defenderá publicamente a Maçonaria contra o projecto de lei de José Cabral, interditando as associações secretas. É verdade que, três anos antes, Pessoa tinha já tratado da Maçonaria e do seu papel político no prefácio ao livro de poemas *Alma Errante*, de Eliezer Kamenezky. Desenvolve aí a sua teoria respeitante às origens da Maçonaria (fruto do protestantismo liberal) (Pessoa, 1986 : 467) e dos seus graus. Claro que a esta obra não tinha

---

acesso o grande público, que ficou realmente inteirado do conhecimento que o poeta possuía sobre a Maçonaria apenas em 1935, aquando do artigo por ele publicado no *Diário de Lisboa*, defendendo a liberdade das Sociedades secretas. Aí declara ele à partida que não é Maçon, nem pertence « a qualquer outra Ordem semelhante ou diferente » (Pessoa, 1986a : 474). Mas explica simultaneamente os seus conhecimentos sobre a questão pelo estudo que levou a cabo sobre a parte oculta da Maçonaria. Na verdade, Pessoa interessava-se de tal modo pelo problema desta organização em Portugal que tencionava escrever um livro sobre a questão, sob o heterónimo Thomas Cross, especializado nos assuntos ocultistas. (Lopes, 1977 : 154).<sup>2</sup>

A celeuma provocada por este artigo colocou o poeta e os seus interesses « esotéricos » na primeira página dos jornais, chamando alguns dos seus contraditores a atenção sobre o facto do livro *Mensagem*, publicado em 1934, revelar já certas influências « das teosofias » [sic] (Sousa, 1935).<sup>3</sup> E com efeito, para quem soubesse ler esse pequeno livro de poemas (mas quem estaria preparado para tal leitura nessa época ? ), a sua dimensão esotérica era bem patente. Pessoa declara abertamente esse elo natural entra a defesa da Maçonaria e o conteúdo de *Mensagem* :

« Um leitor igualmente atento, mas instruído no entendimento ou ao menos na intuição das coisas herméticas, não estranharia a defesa da Maçonaria em o autor de um livro tão abundantemente embebido em simbolismo templário e rosicruciano ». (Pessoa, s.d. : 434)

Temos, pois, claramente assumida a continuidade entre a vida do autor, a sua postura pública, e uma das suas mais conhecidas produções ortónimas. Nesta, a figura central de D. Sebastião, cristalização das esperanças e desesperanças de um país, ascende ao estatuto de um Cristo Rosa-Cruz : « Que símbolo final / Mostra o sol já desperto ? / Na Cruz morta e fatal / A Rosa do Encoberto. / Que símbolo / Traz o dia já visto ? / Na Cruz, que é o Destino, / A Rosa, que é o Cristo ». (Pessoa, 1967a : 87). A interferência entre os dois mitos, sebastianista e Rosa-Cruz, é perfeitamente compreensível se atendermos ao facto de, na época em que está a compor este conjunto de poemas sebastianistas, Pessoa estar também a redigir um certo número de textos de inspiração Rosa-Cruz, como o mostra o espólio. A vontade de envolver a personagem de

---

D. Sebastião nas brumas de um mistério espesso é patente, como se pode ver no seguinte trecho, um dos muitos fragmentos encontrados no espólio e ligados à figura do Encoberto :

« O que seja propriamente o sebastianismo – hoje mais vigoroso do que nunca, na assombrosa sociedade secreta que o transmite, cada vez mais ocultamente de geração em geração, guardando religiosamente o segredo do seu alto sentido simbólico e português, que pouco tem que ver com o D. Sebastião que se diz ter morrido em Africa, e muito com o D. Sebastião que tem o número Kabalístico da Pátria Portuguesa – eis o que não é talvez permitido desvendar ». (Pessoa, 1986 : 654-655).

O tom e o vocabulário escolhidos, que sublinham voluntariamente um *soi disant* segredo cabalístico, digno de ser transformado num desses best-sellers que têm feito ultimamente a fortuna dos seus imaginativos autores, apontam-nos para uma postura lúdica, que não é exclusiva, bem entendido, do « alto sentido simbólico » que Pessoa confere à personagem de D. Sebastião. Noutros textos, Pessoa refere-se a uma Ordem do Encoberto, em que D. Sebastião encarna simultaneamente a esperança, o símbolo, o Mestre, o Cristo. (Pessoa, 1986 : 660, 693). Ele é também o próprio Pessoa, como se sabe pelo texto, amplamente conhecido, em que o poeta anuncia a volta de D. Sebastião como tendo sido prevista por Bandarra para 1888, data do seu próprio nascimento, acrescentando que em 1888 se deu em Portugal « o acontecimento mais importante da vida nacional desde as descobertas ». (Pessoa, 1978a : 183) Fascinante testemunho da megalomania dos tímidos... Outra manifestação fascinante é a que revela um conceito demiúrgico da criação literária, isto é, a *mise en scène* heteronímica, que se realiza « oficialmente » no dia 8 de Março de 1914. Vale a pena, aliás, interrogarmo-nos sobre a possibilidade de estar este *big bang* do universo pessoano ligado ao espiritismo « de salão » que pratica então em casa de sua Tia Anica...

Outra data importante na vida e obra de Pessoa é a de 1915, quando começa a traduzir, para a Livraria Clássica Editora, e a pedido do Dr João Antunes, um dos membros fundadores da Sociedade Teosófica em Portugal, o *Manual de Teosofia* de C. W. Leadbeater. A leitura desta obra constitui um verdadeiro choque, uma crise que marca a sua entrada no domínio propriamente esotérico, que não deixará mais. Significativamente, em 1916, refere-se numa

carta à Tia Anica, datada de 24 de Junho, a um certo número de fenómenos mediúnicos cuja descrição parece directamente inspirada pelas leituras teosóficas (referências à « visão astral », à « visão etérica », à « aura magnética », entre outras). Na carta de 29 de Novembro 1920, em que põe cobro à sua relação sentimental com Ofélia Queiroz, justifica esta ruptura pela necessidade de obedecer « a Mestres que não permitem nem perdoam » (Pessoa, 1978b : 133) e que dirigem a sua existência. É de notar que, na carta à Tia Anica que acima citámos, Pessoa declara o seguinte :

« Já sei o bastante das ciências ocultas para reconhecer que estão sendo acordados em mim os sentidos chamados superiores para um fim qualquer que o Mestre desconhecido, que assim me vai iniciando, ao impor-me essa existência superior, me vai dar um sofrimento maior do que até aqui tenho tido, e aquele desgosto profundo de tudo que vem com a aquisição destas altas faculdades ».(Pessoa, 1986b : 213-216)

Com efeito, até ao fim da sua breve vida, Fernando Pessoa explorará as diversas vias do oculto, gnósticas, templárias, Rosa-Cruz, que a um tempo o atraem e atemorizam. O « poema sobre a magia » *O Ultimo Sortilégio* será, anos mais tarde, em 1930, uma revelação para o público da revista *Presença* de uma faceta da obra pessoana que não era ainda conhecida. Escrito pouco tempo após a visita do mago Aleister Crowley, será seguido, em 1932, na mesma revista, por *Iniciação* (Pessoa, 1932 : 2), poema cuja trama é formada pelos diferentes graus do processo iniciático, juntamente com os seus grandes símbolos (a caverna, o castelo, o labirinto, a montanha). No mesmo ano, Pessoa escreve dois dos seus grandes poemas esotéricos, *Na Sombra do Monte Abiegno* e *Cavaleiro-Monge*, mas também o prefácio do livro *Alma Errante*, d'Eliezer Kamenezky, a que já fizemos referência, e onde as considerações sobre a Maçonaria, a Cabala, a Ordem do Templo e os Rosa-Cruz são numerosas. No ano seguinte, Pessoa escreverá *Eros e Psique*, dando-lhe uma epígrafe tirada de um *Ritual do Grau de Mestre do Atrium* numa Ordem do Templo de Portugal, que ele dirá, numa carta de 13 de Janeiro 1935, a Adolfo Casais Monteiro, estar em dormência desde 1888 (!), e que nos parece fruto da imaginação poética do seu autor – e provavelmente influência da *Ordo Templi Orientis*, de que Crowley era um membro importante. Este poema é ainda

publicado por *Presença* (nº 41-42, Maio de 1934), constituindo a última colaboração pessoana nesta revista. Em Janeiro de 1935, Pessoa escreve, pois, a carta a Adolfo Casais Monteiro que se tornou famosa e que é uma construção fascinante da imagem que ele pretende deixar de si, dos seus interesses espirituais, da feitura da sua obra. Ele proíbe aí que seja publicada a passagem sobre o ocultismo, sabendo de antemão que essa proibição tornará o seu conteúdo duplamente atraente. Casais Monteiro respeitou a vontade do amigo quando publicou a carta na *Presença*, em 1937, mas autorizou a sua publicação em 1950, na biografia consagrada ao poeta por João Gaspar Simões.

Uma das características do conjunto esparso de textos ligados ao esoterismo, e que nos parece digna de ser sublinhada, é que são frequentemente escritos em inglês, e que o são por diversas razões, segundo o que pudemos deduzir do seu estudo. Em primeiro lugar, os livros que Pessoa lia sobre essas questões eram na sua maioria escritos também em inglês, o que explica que muitos desses textos sejam notas de leitura, e não propriamente o fruto da reflexão de Pessoa sobre a questão. Temos, pois, de ter este elemento sempre presente, se quisermos evitar cometer um certo número de erros e falsas atribuições. Por outro lado, Pessoa teria talvez a intenção de publicar algo sobre estas questões em Inglaterra, o público para tal publicação sendo muito restrito em Portugal e a própria publicação problemática. A maior parte desses textos em língua inglesa têm a ver com o Tarot, a Astrologia, a Rosa-Cruz, a Maçonaria, os graus iniciáticos e a Ordem do Templo de Portugal. Nessas notas, as referências são numerosas a Robert Fludd e a Shakespeare. A Maçonaria aparece nesses textos em inglês sobretudo sob a forma de apontamentos sobre as diferenças entre a Maçonaria inglesa e francesa, ou comentários sobre uma pretensa colaboração entre Judeus e Maçons, fantasma bastante presente em toda a Europa na época.<sup>4</sup> As condições de admissão numa misteriosa Ordem do Templo de Portugal são igualmente enumeradas em inglês, língua de um conjunto de textos sobre a iniciação intitulado *Essay on Initiation* (Centeno, 1985 : 59-81) e que estabelece um paralelo entre a ordem poética e a ordem iniciática, entre o domínio estético e esotérico, aos diferentes graus iniciáticos correspondendo diferentes graus de criação poética.

Paralelamente a estes textos, os temas esotéricos aparecem muito cedo na obra poética em inglês, como a poesia de Alexander Search. De 1907 data, por exemplo, o poema *The Circle*, aberta e ingenuamente « mágico », onde o poeta desenha, « num estado de espírito

---

cabalístico », « um círculo que pudesse condensar / Com calma toda a violência do mistério ». Infelizmente, a tentativa não é bem sucedida, e o poeta não consegue atrair as forças mágicas para o interior do círculo (Pessoa, 1986c : 724-725). Se considerarmos que o círculo é, para lá do contexto « mágico » do poema, o símbolo da perfeição divina e do Universo, mas também da totalidade da psique, o falhanço no acto mágico corresponde a uma ferida narcisista, que impede uma verdadeira coesão do Eu. Naturalmente, estes poemas, como os do conjunto intitulado *The Mad Fiddler*, são ainda bastante ingénuos e pouco elaborados, mas testemunham de um interesse precoce pelo mistério, contendo em germe temas que serão mais tarde tratados com mais perícia.

Com efeito, toda a obra de Pessoa testemunha da busca da « única realidade que é o mistério » (Alvaro de Campos), do desespero, que Fausto encarna, face à inacessibilidade desse Mistério : « O mistério do mundo, / O íntimo, horroroso, desolado, / Verdadeiro mistério da existência / Consiste em haver esse ou um mistério ! » (Pessoa, 1988 : 57). Alberto Caeiro responde ao desespero com a raiva proveniente da certeza quanto à ausência de sentido : « O mistério das coisas, onde está ele ? / Onde está ele que não aparece / Pelo menos a mostrar-nos que é mistério ? // Porque o único sentido oculto das coisas / É elas não terem sentido oculto nenhum, / É mais estranho do que todas as estranhezas / E do que os sonhos de todos os poetas » (Pessoa, 1978c : 61). Esta impressão de irrealidade do mundo que os nossos sentidos apreendem aproxima o poeta dos místicos, como o grande Mestre Eckhardt, de quem Caeiro todavia se afasta quando põe em dúvida a existência de uma Realidade transcendente.

O bilinguismo de Fernando Pessoa não pôde deixar de acentuar a sua tendência para a dispersão, de que a heteronímia é uma manifestação que ultrapassa o jogo literário. A busca de si num outro Eu, em identidades múltiplas, é de certa maneira uma defesa maníaca contra a depressão, mas, como diz o psicanalista Michel Schneider a propósito de Pessoa, não há propriamente ruptura do Eu, visto que « il y a encore quelqu'un qui dit qu'il n'est personne » (Schneider, 1984 : 242-246).

No feixe de razões que não explicarão nunca cabalmente o mistério de um homem com a complexidade de Fernando Pessoa não podemos olvidar o gosto pela mistificação que o caracterizava, e que se relaciona com a maneira como por vezes abordou o esoterismo. Nisso ele tinha certas afinidades com Crowley, cujo gosto pela mistificação era do domínio público. Num texto em inglês, Pessoa estabelece a ligação entre a sua tendência para o fingimento na arte e a sua atracção pelo mistério, o oculto :



« since I have consciousness of myself, I have perceived in myself an inborn tendency to mystification, to artistic lying. Add to this a great love of the spiritual, of the mysterious, of the obscure, which, after all, was but a form and a variation of that other characteristic of mine, and my personality is, to intuition, complete » (Pessoa, s. d. : 12).

No entanto, o seu marcado interesse pelo mistério, que por vezes pôde tomar a forma de uma « blague », como já vimos, é certamente sincero, correspondendo a algo de profundo e mesmo de profundamente desesperado. O poema dramático *Primeiro Fausto* testemunha deste interesse, sobretudo no primeiro tema, *O Mistério do Mundo*. A importância da interpretação dos símbolos, a utilização do processo analógico para ultrapassar este mundo de sombras e penetrar no mundo real (« Ah, tudo é símbolo e analogia ! »), a nostalgia de uma outra existência, talvez ligada a uma possível crença na reencarnação, que pode ser um vestígio do seu contacto com a Teosofia (Pessoa, 1967b : 111), (« Nesta vida, em que sou meu sono, / Não sou meu dono, / Quem sou é quem me ignoro e vive / Através desta névoa que sou eu / todas as vidas que eu outrora tive, / Numa só vida ») são elementos constitutivos da visão do mundo de Fernando Pessoa. Seis anos antes deste poema de 1932, Alvaro de Campos tinha abordado o problema das vidas sucessivas no poema *Lisbon revisited* :

« Eu ? Mas sou eu o mesmo que aqui vivi, e aqui voltei,  
E aqui tornei a voltar, e a voltar.  
E aqui de novo tornei a voltar ?  
Ou somos todos os Eu que estive aqui ou estiveram,  
Uma série de contas-entes ligadas por um fio-memória,  
Uma série de sonhos de mim de alguém de fora de mim ? »  
(Pessoa, 1964 : 248-249).

Claro que não podemos deixar de evocar, a propósito desta ideia de um Eu, elo de uma longa cadeia de Eu sucessivos, a tendência que é a do poeta para a dispersão, com o seu corolário literário, a heteronímia. Com efeito, os diferentes heterónimos são formas ficcionais, que tentam apreender uma realidade que é igualmente considerada como uma ficção. Esta posição

tendente a afirmar a irrealidade do mundo e da nossa percepção dele tem forçosamente como consequência um processo de desrealização do próprio sujeito. Uma vez perdida a unidade original, a queda numa multiplicidade dissolvente é inevitável.

Esta posição ontológica de influência platónica é assumida pelo ortónimo e os heterónimos, com uma notável excepção, a de Alberto Caeiro, que afirma a realidade incontestável do que o rodeia, e nega a ideia de transcendência. No entanto, e no domínio de um pensamento esotérico que nos interessa especialmente aqui, podemos dizer que o platonismo estrutura a reflexão ontológica e cosmológica de Pessoa, sendo uma das principais fontes do seu pensamento esotérico, visto ser o ponto de partida filosófico das grandes correntes esotéricas, para as quais à realidade aparente corresponde outra, encoberta ao olhar profano, pois, como escreveu Tertuliano (v. 155-222), que Pessoa cita várias vezes, « as coisas encobertas, uma vez descobertas, ficam destruídas ». Consequentemente, Pessoa parece desistir de uma forma de busca espiritual, afirmando que não vale a pena tentar desvendar o mistério : « não procures nem creias : tudo é oculto » (Pessoa, 1967c : 218).

No entanto, a sua vida e a sua obra testemunham do contrário : a tentativa de encontrar a chave do grande enigma escondido atrás da banalidade dos dias foi certamente uma das preocupações centrais da sua vida. Para responder a ela, os caminhos que tomou através da floresta do esoterismo foram numerosos. A via alquímica foi uma das que explorou com mais benefício para a sua obra, fruto por vezes de uma *nigredo* transformada no *rubedo* do *opus alchymicum* que é o poema. Através do processo alquímico, realizaria ele, mesmo imperfeitamente, esse outro processo que Jung chamou de individuação, em que os elementos do inconsciente são integrados no nível da consciência (Jung, 1970). Processo iniciático extremamente árduo, segundo o historiador das religiões Mircea Eliade (Eliade, 1956), ele deve levar a uma transformação da personalidade. A este facto se refere Fernando Pessoa na famosa carta a Adolfo Casais Monteiro de 13 de Janeiro de 1935, quando enumera os caminhos para o oculto : « o que se chama o caminho alquímico, o mais difícil e o mais perfeito de todos, porque envolve uma transmutação da própria personalidade que a *prepara*, sem grandes riscos, antes com defesas que os outros caminhos não têm » (Pessoa, 1986b : 344-345). É de notar o facto de Pessoa estabelecer o elo entre a transmutação da matéria e a da personalidade do alquimista, numa época em que não era ainda evidente intuir uma tal perspectiva psicológica da alquimia. Também « o génio é uma alquimia. O processo alquímico é quadruplo : 1) putrefacção ; 2) albação ; 3) rubificação ; 4) sublimação. Deixam-se, primeiro, apodrecer as sensações ; depois de mortas embranquecem-se com a memória ;

em seguida rubificam-se com a imaginação ; finalmente se sublimam pela expressão » (Pessoa, s. d. b : 123-124). Uma obra como *Mensagem* pode ser vista a esta luz, como prova Yvette Centeno : « Surge do nevoeiro o corpo de *Mensagem*. Brasão, Mar Português, O Encoberto – ou fixação (conquista do território) dissolução (expansão marítima) sublimação (anulado o corpo renasce a fénix do espírito). A divisão e a interpretação que nos sugere é de estrutura hermética, alquímica... » (Centeno, 1990 : 29). Um poema como *O Ultimo Sortilégio*, que evoca estranhas forças mágicas, faz referência à realização da obra alquímica, ao Sol (o enxofre) e à Lua (o mercúrio), os quais, pela sua união, produzem o elixir de Longa Vida, provedor de beleza e imortalidade a quem o possuir : « Tu, porém, cujo ouro me foi presa, / Tu, Lua, cuja prata converti, / Se já não podeis dar-me essa beleza / Que tantas vezes tive por querer, / Ao menos meu ser findo dividi – / Meu ser essencial se perca em si, / Só meu corpo sem mim fique alma e ser » (Pessoa, 1967b : 231). *Eros e Psique* inscreve-se nesta mesma tradição, cara aos Românticos, que liga a obra literária à Grande Obra, a linguagem sendo, na tradição hermética, a expressão de uma harmonia universal, a chave da estrutura íntima do universo. É assim possível, através dela, agir sobre a realidade. O poema termina pela descoberta do Outro como um avatar do próprio Eu, um *alter-ego* (« E vê que ele mesmo era / A Princesa que dormia ») (Pessoa, 1967b : 241). Esta descoberta corresponde à do alquimista que deve alcançar, no fim do processo de transmutação, a revelação da identidade entre o sujeito, ele próprio, e o objecto da sua busca. É o que a iconografia nos mostra sob a forma do hermafrodita alquímico.

Para Fernando Pessoa, a alquimia era, pois, simultaneamente, um caminho iniciático que o interessava de um ponto de vista espiritual, uma terapêutica psíquica, e uma metáfora da criação poética. É provável que ele tenha tirado uma parte dos seus conhecimentos sobre o hermetismo da obra d'Anselmo Caetano, intitulada *Ennoea* e escrita no século XVIII, que ele possuía na sua biblioteca (Caetano, 1987).

É, pois, patente que a obra pessoana reflecte um conhecimento profundo do domínio do oculto, certos poemas podendo ser interpretados como a manifestação literária de uma experiência iniciática, provavelmente solitária, isto é, fora do âmbito de qualquer sociedade secreta, mas podem igualmente ser « apenas » inspirados pelas numerosas leituras sobre a iniciação que a biblioteca e o espólio de Pessoa atestam. Que ele percorreu o caminho dos símbolos, é facto reconhecido que deixou traços incontestáveis na sua obra, especialmente nos seus grandes poemas iniciáticos, escritos na maioria no ano 1932, como *Do vale à montanha*, *Na sombra do Monte Abiegno*, *Iniciação*, *Eros e Psique*, *Abdição*. A importância dos

símbolos na « viagem » iniciática é sublinhada pelo poeta nas seguintes linhas : « Os rituais, entre outros fins, têm o de fazer sentir ao iniciado, pela solenidade e o deslumbramento, a vida dos símbolos que lhe comunicam. Quem tenha em si o poder de sentir pronta e instintivamente a vida dos símbolos não precisa de iniciação ritual » (Pessoa, 1986a : 442). No entanto, ele acrescenta que « o caminho dos símbolos é perigoso », pois é fácil interpretá-los de modo errado : « Os caminhos do simbolismo, sobretudo desde que se entra na estrada mística ou interpretativa, são cheios de ilusões, de devaneios e de fraudes » (Pessoa, 1986a : 505-506). Resta que « tudo aqui em baixo é símbolo e sombra »...(Pessoa, 1986a : 513)

Aliás, o seu interesse pela Maçonaria explica-se certamente pela riqueza simbólica que lhe é própria,<sup>5</sup> o Templo a reconstruir funcionando essencialmente para Pessoa como símbolo federador de energias espirituais. Também as doutrinas Rosa-Cruz foram uma fonte de inspiração extremamente fecunda, espiritual e literariamente. Pensamos, claro está, em poemas como *No túmulo de Christian Rosencreutz*, precedido de uma citação da *Fama Fraternitatis* (1616), um dos manifestos Rosa-Cruz atribuídos a Johann Valentin Andreae. Mas também em numerosos escritos que são inspirados pela doutrina Rosa-Cruz, nomeadamente através das publicações das diferentes sociedades criadas em Inglaterra em finais do século XIX e princípios do século XX. Uma delas foi a *Golden Dawn*, a que pertenceu Aleister Crowley, mas também a *Stella Matutina* (fundada por Yeats) e a *Astrum Argentinum* (fundada por Crowley). Todas elas influenciaram directamente um certo número de poemas e de textos fragmentários de Fernando Pessoa, sem falar da *Mensagem*, em que essa influência é patente desde a epígrafe, que se revela ser uma saudação Rosa-Cruz (*Benedictus Dominus Deus Noster Qui dedit Nobis Signum*).

A astrologia foi outra das terapêuticas utilizadas por Pessoa na sua tentativa de um auto-conhecimento. Um dos seus heterónimos, Rafael Baldaya, tinha mesmo como mister escrever um *Tratado de Astrologia*, e abrir um consultório como astrólogo, o que teria talvez resolvido os problemas financeiros de que o poeta sempre sofreu. Em todo o caso, Rafael Baldaya ataca violentamente a Teosofia num texto sem data, intitulado *Princípios de Metafísica Esotérica* (Pessoa, 1986a : 401-404), e que testemunha de uma reacção negativa a posteriori em relação a certos aspectos da Teosofia que Pessoa recusava agora, embora o tivessem influenciado fortemente de 1915 aos anos vinte, sem que isso signifique que fosse membro da Sociedade Teosófica, o que efectivamente não era, de acordo com as investigações que tivemos a ocasião de levar a cabo. Também o não foi, na nossa opinião, de qualquer outra Ordem,

---

mantendo-se livre para prosseguir a busca de uma verdade que se encontrava sempre fora do seu alcance.

Ao fim desta viagem, necessariamente rápida e incompleta, através da galáxia dos « esoterismos » pessoais, podemos afirmar que, na sua fecunda diversidade, esta se relaciona estreitamente com a constelação heteronímica enquanto manifestação de uma exuberância criativa que é também uma busca identitária e espiritual. Ela participa de um sincretismo que marcou a época em que Pessoa viveu e que Françoise Bonardel, especialista da Filosofia hermética, definiu da maneira seguinte :

« Sous sa triple formulation hermétiste, théosophique et occultiste, la *Grande Synthèse* sera l'objet de la quête alors entreprise : tentative pour reconstituer, à l'aide de la science, l'ancien savoir des 'initiés', afin de lutter contre le matérialisme ambiant, contre les Eglises constituées jugées incapables de remplir leur rôle » (Bonardel, 1985 : 99).

Animado pela convicção de que o seu destino era regido por forças ocultas, Fernando Pessoa percorreu esta via unindo intimamente progressão espiritual e criação literária. Ambas foram objecto de uma busca multiforme, fruto do acaso, da curiosidade intelectual, dos encontros humanos e livrescos que tentaram apaziguar a sua alma faminta de Absoluto.

## Notes

- <sup>1</sup>. Para um mais amplo desenvolvimento das questões aqui abordadas, remetemos para a nossa tese de doutoramento, intitulada *L'Ésotérisme dans l'œuvre de Fernando Pessoa*, Université Michel de Montaigne-Bordeaux 3, 1996.
2. Este livro devia-se chamar *Diogo Pires, otherwise Salomon Malcho ; Freemasonry in Portugal (Ibid., p. 271)*.
3. Citado por Jorge VERNEX, *A Maçonaria e Fernando Pessoa*, Porto, Além, 1953, p. 32-33.
4. Fundo PESSOA, env. 53-14 (« My concern has been throughout with the alleged collaboration or consubstantiation of jewry and freemasonry »).
5. Fundo PESSOA, 53 / 13 (« sendo esta [a Franco-Maçonaria] a transmutação do próprio homem pelo contacto com os símbolos magicamente carregados »).

## Bibliografia

- BINET, Ana Maria, *L'Ésotérisme dans l'œuvre de Fernando Pessoa*, Université Michel de Montaigne-Bordeaux3, 1996
- BONARDEL, Françoise, *L'Hermétisme*, Paris, P.U.F., 1985
- CAETANO, Anselmo, *Ennoea*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.
- CENTENO, Y. K., *Fernando Pessoa e a Filosofia Hermética*, Lisboa, Presença, 1985

- CENTENO, Y. K., *O Pensamento Esotérico de Fernando Pessoa*, Lisboa, Etc, 1990
- ELIADE, Mircea, *Forgerons et alchimistes*, Paris, Flammarion, 1956.
- JUNG, Carl Gustav, *Psychologie et Alchimie*, Paris, Buchet / Chastel, 1970
- LOPES, Teresa Rita, *Fernando Pessoa et le drame symboliste. Héritage et Création*, Paris, Fund. Calouste Gulbenkian, 1977.
- PESSOA, Fernando, *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*, Lisboa, Atica, [s. d.]
- PESSOA, Fernando, *Páginas Intimas e de Auto-Interpretação*, Lisboa, Atica, [s. d.]
- PESSOA, Fernando, « Iniciação », in *Presença*, n° 35, Coimbra, Março-Maio 1932, p. 2
- PESSOA, Fernando, *Poesias de Alvaro de Campos*, Lisboa, Atica, 1964
- PESSOA, Fernando, *Poesias Inéditas (1930-1935)*, Lisboa, Atica, 1967
- PESSOA, Fernando, *Poesias*, Lisboa, Atica, 1967
- PESSOA, Fernando, *Mensagem*, Lisboa, 1967
- PESSOA, Fernando, *Sobre Portugal*, Lisboa, Atica, 1978
- PESSOA, Fernando, *Cartas de Amor*, Lisboa, Atica, 1978.
- PESSOA, Fernando, *Poemas de Alberto Caeiro*, Lisboa, Atica, 1978.
- PESSOA, Fernando, *Obra Poética e em Prosa*, (3 vol.), Porto, Lello e Irmão, 1986
- PESSOA, Fernando, *Fausto*, Lisboa, Presença, 1988
- SCHNEIDER, Michel, « Personne », in *Le Destin : Nouvelle Revue de Psychanalyse*, n° 30, Paris, Gallimard, 1984, p. 242-246.
- SOUSA, Fernando de, « Mensagem Pró-Maçonaria », in *A Voz*, n° 2861, 5 de Fevereiro 1935
- SYMONDS, John, *The Great Beast. The Life and Magick of Aleister Crowley*, Londres, 1952.
- VERNEX, Jorge, *A Maçonaria e Fernando Pessoa*, Porto, Além, 1953.